

Folha de S. Paulo

16/1/1985

Todos juntos começam uma nova era

Irede Cardoso

As cenas que a TV Manchete mostrou, sobre a repressão selvagem desencadeada em Guariba, sobre os bóias-frias, tiveram lances dramáticos em que o papel da mulher foi ressaltado. Para os que puderam observar melhor esses lamentáveis episódios, ficou claro que a mulher é a primeira a defender sua casa, a defender sua prole e seu companheiro, dentro do comportamento da não-violência. A resistência, de fato, é uma das características culturais ditas femininas e ela aparece como traço comum no sobreviver do oprimido.

É preciso observar que o ingresso da mulher no mercado de trabalho, como bóia-fria, cresce em quantidade visível. O fato de ela receber menores salários que o homem e, em algumas regiões agrícolas, esse tipo de tarefa estar cada vez mais desinteressando a população masculina, pela baixa remuneração e condições indignas de trabalho, faz com que a população nessa tarefa tenda a tornar crescentemente feminina.

Os dedos da ideologia mais geral do sistema em que vivemos estão aí colocados. Mas a História não se faz linearmente e nem mesmo as condições sociais impostas são determinantes absolutas do comportamento humano. Se a cultura dita feminina é de resistência, ao mesmo tempo em que nela se mesclam a doçura, a passividade, o temor da violência, nosso conhecimento, nas entranhas, que temos todas, da capacidade de violência dos que lutam por fazer prevalecer uma "ordem" injusta, torna-nos mais preparadas para compreender o grito de vida, linearmente simples, plantado em nosso afeto, desde que, silenciosamente, observamos os privilégios que não nos foram nunca oferecidos, como mulheres. Assim, nada mais saudável que os sem terra de todo o País, entre os quais os bóias-frias, tenham marcado para Curitiba-PR o seu primeiro Congresso Nacional, para os próximos dias 29, 30 e 31.

Mulheres bóias-frias

O mais interessante e revelador do quanto as mulheres brasileiras mudaram qualitativamente, está no fato de que um dos itens da pauta de discussão de tão importante evento seja "A Mulher e as Conquistas do Campo". No total, já estão inscritos 1.200 trabalhadores rurais, dos quais 360 são mulheres. E homens e mulheres vão discutir juntos o problema, o que revela que já ingressamos em nova era: o tempo em que nas lutas gerais as lutas específicas estão incluídas.

Foi-se o tempo em que teóricos da esquerda ortodoxa e ultrapassada acreditavam que a luta da mulher iria dividir a luta geral. Ao contrário: sabemos que a democracia é algo bem mais sofisticado do que imagina a grosseira razão dos que se recusam a crescer junto com a sociedade. Não observar estas diferenças é ficar velho no tempo, é ficar para trás, é deixar de ser ouvido.

As mesmas mulheres que defenderam suas casas, suas crianças, seus companheiros e suas tralhas da violência ignóbil da polícia em Guariba, as mesmas que resistem nos acampamentos, sofrendo toda sorte de privações nas beiras das estradas brasileiras, lutando por um pedaço de terra neste imenso e injusto País, as mesmas, estarão, com seus companheiros sem terra, unidos, reunidas em Curitiba, neste grande acontecimento político nacional. E aí é que está a mudança, a única mudança viável para o Brasil que vem da luta dos brasileiros em geral e das mulheres, muito especialmente.

Discutirão a reforma agrária, não aquela proposta pelo futuro sucessor do general Figueiredo, que se mantém na medíocre proposta do cumprimento do Estatuto da Terra. Mas a reforma agrária que permitirá aos excluídos da terra um pedaço de chão, melhorando e barateando os alimentos produzidos pelos lavradores, respeitando o modo de produção e a organização dos que trabalham na terra. Mas, sabemos, será uma proposta que, fundamentalmente, trará às mulheres lavradoras um lar protegido de qualquer tipo de violência e arbitrariedade dos donos do poder e seus esbirros.

(Informática — Página 3)